

SOMOS O POVO DA TRANSFORMAÇÃO

We are the people of transformation

Somos el pueblo de la transformación

Daiara Tukano¹
Ana Saggese²
Leonardo Hecht³

DOI: 10.31501/esf.v3i34.16064

Resumo: Daiara Tukano é artista plástica, curadora, educadora e ativista. Sua obra representa a cosmovisão e a espiritualidade do seu povo, *Yepá Mahsã* (Tukano), que vive na terra indígena Balaio, no Alto Rio Negro, na Amazônia Brasileira. Em 2021, ganhou o prêmio PIPA Online. Em 2022, sua tela “A queda do céu e a mãe de todas as lutas” foi a primeira obra indígena adquirida e exposta no Palácio do Planalto. Daiara coordenou a Rádio Yandê, primeira web-rádio indígena do país.

Palavras-chave: Comunicação. Cosmovisão indígena. Estética. Transformação. Daiara Tukano.

Abstract: Daiara Tukano is a visual artist, curator, educator, and activist. Her work represents the worldview and spirituality of her people, *Yepá Mahsã* (Tukano), who live in the Balaio Indigenous Territory, in the Upper Rio Negro region of the Brazilian Amazon. In 2021, she won the PIPA Online Prize. In 2022, her painting “The Fall of the Sky and the Mother of All Struggles” was the first Indigenous artwork acquired and exhibited at the Palácio do Planalto. Daiara coordinated Radio Yandê, the first Indigenous web radio station in the country.

Keywords: Communication. Indigenous worldview. Aesthetics. Transformation. Daiara Tukano.

Resumen: Daiara Tukano es artista plástica, curadora, educadora y activista. Su obra representa la cosmovisión y la espiritualidad de su pueblo, los *Yepá Mahsã* (Tukano), que vive en la tierra indígena Balaio, en el Alto Río Negro, en la Amazonia brasileña. En 2021, ganó el premio PIPA Online. En 2022, su lienzo “La caída del cielo y la madre de todas las luchas” fue la primera obra indígena adquirida y expuesta en el Palacio del Planalto. Daiara coordinó Radio Yandê, la primera radio web indígena del país.

Palabras-clave: Comunicación. Cosmovisión indígena. Estética. Transformación. Daiara Tukano.

¹ Mestra, Universidade de Brasília, Brasília – DF, Brasil. daiaratukano@gmail.com. / <https://orcid.org/0009-0004-7852-387X>

² Doutoranda, Universidade de Brasília, Brasília - DF, Brasil. anasaggese@gmail.com / <https://orcid.org/0000-0002-5877-1858>

³ Mestrando, Universidade de Brasília, Brasília - DF, Brasil. hecht.leo@gmail.com / <https://orcid.org/0009-0003-1725-164X>

*Conferência transcrita, editada e revisada com a autora por Leonardo Hecht e Ana Saggese

Artigo submetido em: outubro/2025. Aprovado em: dezembro/2025.

Apresentação



Figura 1 - A queda do céu e a mãe de todas as lutas (Daiara Tukano, 2022)⁴.

Em 2022, a tela “A queda do céu e a mãe de todas as lutas”, de Daiara Tukano, foi adquirida e exposta no Palácio do Planalto. Esse gesto configurava-se como um avanço na longa luta pelo reposicionamento histórico da arte e do pensamento indígena, problematizando os cânones estéticos e ocupando um importante espaço de poder.

As artes plásticas realizadas no país, reiteradamente, desconsideraram os termos indígenas e os significados não-ocidentais das relações estéticas. Assim, refletir sobre ausências e apagamentos

⁴ A tela está exposta e foi gentilmente doada para o Palácio do Planalto pela artista.

históricos de pensadores, artistas e curadores indígenas, principalmente de mulheres, na produção artística e científica, torna-se imprescindível.

Este texto nasce de um convite que fizemos para Daiara participar de uma aula no curso de Estética da Comunicação⁵, em que ela nos contou como suas memórias alicerçam seus trabalhos. Mas que fala também de todo um movimento indígena que a antecedeu. É nesse sentido que Daiara se propõe “pensar cada vez mais tukanamente”, ainda que falando português. Podemos ver que, diferente da perspectiva eurocêntrica, o valor da arte indígena não está no objeto como um fim em si mesmo, mas tem nele um condutor de memórias e conhecimentos, aproximando a arte de uma comunicação sensível com o espírito e o universo.

Esperamos que o leitor e a leitora também sejam atravessados por essa generosa conferência de Daiara Tukano. Fiquem com as palavras dela...

Conferência

Daiara: Eu sou uma pessoa indígena, do povo Tukano, do Alto Rio Negro, fronteira entre Brasil, Colômbia e Venezuela. Eu não nasci na aldeia, mas em São Paulo, no Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo (CRUSP), no meio da mobilização para a primeira formação institucional do movimento indígena do Brasil, a União das Nações Indígenas. Então, eu nasci no meio de uma articulação de várias lideranças.

A minha mãe, Alba Figueroa, morava no Crusp e estudava cinema na época; depois passou para a antropologia. Ela acompanhava a movimentação política dos indígenas, que estavam se reunindo

⁵ Gabriela Santana foi responsável por fazer o convite e articular a visita de Daiara à nossa disciplina.

junto à Comissão Pró-Índio, em São Paulo, auxiliando a registrar os encontros, junto com o Vincent Carelli⁶, que foi também o criador de um projeto histórico, o “Vídeo nas Aldeias”. Foi também na Universidade de São Paulo (USP), que meu pai, Álvaro Tukano, junto com o Ailton Krenak e Angela Papiani, criaram o primeiro programa de rádio indígena chamado “Programa de Índio”. O meu pai e o Ailton são, de certa forma, os primeiros comunicadores indígenas, os primeiros *podcasters*.

Esse programa na Rádio USP que era ouvido na cidade inteira, foi muito revolucionário. O programa permitiu que eles levassem a temática indígena e fizessem intervenções. Isso ajudou a coletar mais de 30 mil assinaturas para apresentar um projeto na Assembleia Nacional Constituinte. Existe uma ligação muito profunda da dinâmica de qualquer movimento social, de qualquer movimento político, com a comunicação. E na história do movimento indígena não é diferente. As lideranças sempre precisam se organizar para se comunicar direito, seja entre seus pares e, mais ainda, diante do Estado. Essa história me fascina muito.

Eu cheguei a Brasília adolescente. Eu não cresci na minha comunidade. A gente fica um pouco inseguro, porque parece que quem está na aldeia é mais tradicional, mais legítimo. Mas eu nasci no meio do movimento. E quando eu estava na universidade, foi uma experiência muito rica, porque eu pude entrar em contato com vários movimentos.

Primeiramente, no movimento estudantil. Eu sempre fui representante de turma, fui presidente do Centro Acadêmico (CA), fui do Circuito Universitário de Cultura e Arte (CUCA), fui do Diretório Central dos Estudantes (DCE). Aprendi muito no movimento estudantil. Também entrei em contato com outros

⁶ Vincent Carelli (Paris, 1953) é indigenista e documentarista, criador do Vídeo nas Aldeias (1987), projeto que forma cineastas indígenas. Para mais informações, ver: Vincent Carelli e o projeto Vídeo nas Aldeias na luta para promover o cinema indígena | Cinejornal|Canal Brasil. Retirado de: <https://www.youtube.com/watch?v=UMt9keAwWf8>. Em: 04.06.2025.

movimentos sociais. Isso me levou para os Direitos Humanos. Conhecendo a dinâmica desses movimentos, eu também passei a ter um recuo para observar o próprio movimento indígena. Porque quando a gente nasce dentro de um lugar assim, fica difícil se distanciar e compreender. Demora um pouco para entender a complexidade daquele espaço. Ainda mais quando você é criança, né? Filhos de lideranças perseguidas politicamente, crescem com mais raiva do movimento indígena do que com amor, porque o movimento tira os nossos pais de nós.

Quando eu fui entendendo a importância da luta dos meus pais, eu procurei colaborar com ela. Na época, eu já estava dando aula, mas não tinha recursos pedagógicos para tratar da temática indígena na escola. Não existiam livros didáticos. Na época, tinha a “Rádio Yandê”, que foi a primeira rádio web indígena no Brasil.

Na verdade, o “Índios Online”, anterior à Yandê, foi o primeiro site a convidar uma série de parentes para fazer um blog com conteúdo indígena. Essa dinâmica acabou não indo para a frente, mas daí vieram outros projetos como a Rádio Yandê: fundada por Anapuaka Tupinambá, o Denilson Baniwa e a Renata Tupinambá. A rádio ainda está online e pode ser acessada. A rádio Yandê era a única que publicava o que estava sendo produzido pelos indígenas. Tem muita gente que fala assim: “Mas eu não conheço nada, nunca tive acesso”. Alguém aqui já ouviu alguma música indígena? Algum filme indígena?

Resposta da classe: A gente viu aqui na sala de aula “Bicicletas de Nhanderú”⁷.

⁷ 2011. Duração: 45 minutos. Direção: Ariel Ortega e Patrícia Ferreira. Edição: Tiago Campos Torres. Realização e imagens: Ariel Ortega, Patrícia Ferreira, Alexandre Ferreira, Germano Benites, Jorge Morinico, Cirilo Vilhalba e Léo Ortega. Imagens adicionais: Tiago Campos Torres, Ernesto de Carvalho e Vincent Carelli. Mais informação: <http://www.videonasaldeias.org.br/2009/video.php?c=93>.

Daiara: Se não tivessem visto em sala de aula, vocês teriam visto por conta própria? (Pausa) Ninguém teria visto, né? Alguém já leu algum autor indígena? Quem mais leu o Ailton Krenak? É legal. Maior sucesso. O cara entrou na Academia Brasileira de Letras (ABL). E algum livro de mulher indígena?

Resposta da classe: Eliane Potiguará⁸.

Daiara: Pois é. Vocês já ouviram, já leram algum livro escrito por uma mulher? Alguém aqui já leu algum livro escrito por uma pessoa negra? Qual é o seu autor preferido? Mas vocês entendem a importância de ler mulheres? Sabendo que a gente só teve acesso à escola no século XX. Direito ao voto na primeira metade do século XX. E que o Brasil é o país que mais mata mulheres do mundo? Está no topo mesmo. Feminicídio. Nossa população é muito grande, então, é importante ler mulheres. E ler autores negros. Tu já leu algum autor africano? Tem que ler pelo menos o Achille Mbembe. Sim, porque existem pensadores na África. Autores contemporâneos, autores clássicos. Já leram algum pensador árabe, algum filósofo árabe? Alguém já ouviu falar de filósofos asiáticos? Não são só os gregos e os troianos, mas e os goianos? (Risos)

No mundo, a visibilidade da criação indígena em todas as suas expressões é extremamente marginalizada. Isso é de uma violência histórica sem justificativas, a não ser o próprio racismo. Um racismo institucionalizado e repetido em todos os espaços. Isso cria lacunas muito grandes na

⁸ Professora, escritora, ativista e empreendedora indígena brasileira. Fundadora da Rede Grumim de Mulheres Indígenas. Foi uma das 52 brasileiras indicadas para o projeto internacional “Mil Mulheres para o Prêmio Nobel da Paz”. Autora de “Metade cara, metade máscara” (2004), “A cura da Terra” (2020), “O pássaro encantado” (2014), entre outros.

sociedade. Porque agora a gente vai fazer um corte dessa minha fala sobre comunicação para poder entender algumas coisas que talvez vocês não saibam sobre os povos indígenas. Eu posso perguntar para vocês, quantos povos indígenas existem no Brasil? Alguém sabe? (Pausa) 350. Vocês sabem qual foi a população indígena reconhecida pela última pesquisa do IBGE no Brasil? - Um milhão e novecentos indígenas. Vocês sabem quem representa o Ministério dos Povos Indígenas, hoje, no Brasil?

Resposta da classe: Sônia Guajajara.

Daiara: Ufa! Já estava ficando preocupada. Vocês sabem que pela primeira vez a gente tem o Ministério dos Povos Indígenas no Brasil? Vocês já viram aquela movimentação que acontece aqui em Brasília todo o mês de abril? Já foram conhecer o Acampamento Terra Livre (ATL)?

Durante uma semana, todo mês de abril, no Eixo Monumental, a gente tem a maior mobilização indígena do planeta. E os moradores de Brasília não percebem isso. Na última ATL tinha uns 40 mil indígenas. A galera faz vaquinha, rifa, para poder alugar um ônibus e pagar o motorista. Aí, eles enfiam naquele ônibus fogão, panela, gás, 30 quilos de arroz com feijão. Montam umas barracas, estendem uma lona, ou dormem no chão, se precisar, mas eles vêm se mobilizar. E o brasileiro não sabe o que é o Acampamento Terra Livre. Quando começou o Acampamento Terra Livre, eu estava recém chegada aqui na Universidade de Brasília (UnB).

Ele foi mobilizado pelos kaingang, pelos tupinambá e quem mais? Mais um terceiro povo. São povos que estão nas regiões que foram invadidas há muito tempo e o pessoal não conseguiu demarcar suas terras até hoje. No primeiro acampamento, tinha umas 50 pessoas e a gente achava que era muita

gente. Mas, a cada ano vai aumentando. E agora, para a galera da idade de vocês, já virou uma tradição. O ATL, para os jovens adolescentes, é o rolê anual, eles ficam pensando quem vai ficar com quem, quem vai estar mais pintado, mais montado. Tem os shows de noite. É uma atividade muito complexa. Além de ter toda a discussão política e uma programação intensa. Aquilo é um super congresso, que não tem horário nem pra começar nem para acabar. Geralmente, começa às oito horas da manhã e vai até às onze da noite. O tempo inteiro tem liderança no microfone. Eu não parei, não dormi durante uma semana.

E um dos fundadores do ATL foi o Kretã Kaingang, que criou o acampamento enquanto ele estava morando na casa do meu pai. No ano seguinte à criação do ATL, já se juntaram mais parentes. No terceiro ano, alugaram uma tenda de circo e armaram naquele gramado em frente ao Congresso Nacional. Começou a chegar parentes de outras regiões. Mas eu pensei, poxa, está começando a acontecer isso, mas ninguém está vendo. Como será que eu posso ajudar? Aí eu me lembrei da Rádio Yandê. Falei, olha, está acontecendo o ATL, está muito legal. Os parentes estão sozinhos ali, se manifestando em frente ao Supremo Tribunal Federal, todo dia e ninguém está dando bola. Eu queria que a gente fizesse pelo menos uma matéria sobre isso. E, assim, eu virei a primeira correspondente direta de Brasília para a Rádio Yandê. Na época, eu pegava uma camerazinha e um gravador. Eu não tinha grana pra ter um telefone muito chique. E, toda vez que tinha um acampamento, quando vinha algum grupo grande se manifestar, eu ia lá e gravava as lideranças. A Rádio Yandê tinha um grande diferencial que era um conteúdo voltado para os indígenas. Não é bacana? A gente tem tanto portal de mulher para mulher, da negritude para negritude, entre os estrangeiros, os imigrantes, para o público LGBTQIA+. Então, eu comecei a fazer isso.

Na Rádio Yandê tocava forró kayapó, metal guarani, rap kaiowá, muitos rezos de anciões de todos os lugares, muitos cantos tradicionais e notícias da atualidade. O Facebook foi a primeira interface que permitia fazer transmissões ao vivo, *lives*. Você podia interagir na hora e receber os comentários. Você também podia colocar vários convidados na *live*. Então, quando começou a pandemia que, para os povos indígenas, mais uma vez, foi muito violenta... Muito violenta, porque o Estado brasileiro já é normalmente ausente, o poder legislativo já é opositor dos povos indígenas; durante a pandemia, então, foi catastrófico. Muitos governadores se mobilizaram para que nossos parentes morressem mesmo. Aconteceram coisas nesse país que as pessoas lamentavelmente não aprendem na escola.

Você sabia que no Brasil já teve um campo de concentração para os povos indígenas? Vou abrir um parêntese tétrico, horroroso. Alguns estados brasileiros têm nomes bem sugestivos do nosso processo histórico. Por exemplo, vocês sabem que já teve escravidão indígena no Brasil? O nome do estado de Minas Gerais é muito sintomático. Eu prefiro ter origem no estado do Amazonas. Porque, Minas Gerais quer dizer garimpo generalizado. Naquela região, se iniciou o modelo de exploração de *commodities*, de mercado e de produção, que inclusive é uma produção baseada na escravidão. Minas Gerais carrega o peso da escravidão no próprio nome. Escravidão que foi praticada por mais de um século. A gente está reconhecendo que houve um etnocídio naquela região. Eles não só matavam os indígenas, como impediam que eles vestissem suas roupas, colocassem seus grafismos, usassem qualquer tipo de pena, qualquer coisa que remetesse à sua cultura: essa “política de integração” era basicamente acabar com a lógica de ser indígena. Passou muito tempo até que se pudesse recuperar essa ancestralidade.

Quando a Coroa portuguesa se instala no Brasil e começa a fazer a exploração de Minas Gerais, a explorar o ouro daquela região, quando eles saíram da “Guiana brasileira” para cá, o rei Dom João VI declarou a Guerra Justa contra os índios selvagens. Se eles não virassem súditos da Coroa, morriam. Essa foi uma das primeiras leis brasileiras. Então, o genocídio é documentado. Propositamente, essa história não é contada nas escolas. Mas o genocídio faz parte da nossa história oficial, foi declarado pelo rei.

Outro estado com um nome bem cruel, bem triste, é o Mato Grosso do Sul. O Mato Grosso do Sul era uma grande floresta, hoje é um deserto de soja e cana. A grande glória do Império, foi retratado naquele quadro da independência do Brasil.⁹ É muito engraçado porque a gente sabe que aquilo não rolou. É a primeira grande *fake news* da Independência brasileira. Porque ela é declarada por um príncipe com caganeira em cima de um jegue, mas foi apresentada para o mundo como um grande libertador vestido aos portes de Napoleão, dizendo: “Independência ou morte!”

Falando em comunicação, a gente também tem várias *fake news* registradas pelo Estado. A grande glória de Dom Pedro II foi a Guerra do Paraguai, que definiu o nosso território de uma maneira muito ampla, pelo menos na parte Sul do Brasil. Essa guerra marcou o genocídio do povo guarani fortemente. Fico arrepiada, porque são coisas que mexem com a gente. O Exército Brasileiro não apenas obrigou os pretos libertos a irem para a guerra, como o exército paraguaio foi ficando sem gente e colocaram crianças de seis anos para lutar. Tem foto disso, gente! Tem foto de um soldadinho, com

⁹ Pintura “O grito do Ipiranga”, de Pedro Américo, 1888.

uma fardinha de soldadinho, com o bigode pintado com carvão. Entregavam uma escopeta para as crianças e os colocavam na frente da tropa, eram soldados paraguaios, mas também eram guaranis.

Eram montanhas de corpos no Mato Grosso do Sul, na fronteira com o Paraguai. E até hoje os fazendeiros invadem terras naquele estado. Hoje em dia, a região mais problemática, que enfrenta mais violações dos Direitos Humanos, é a região do Mato Grosso do Sul. Essas questões foram noticiadas em cadeia nacional.

Quando se institui a República brasileira, houve mais um golpe de Estado. Novamente, se instala uma falsa República, porque, em certa medida, são as próprias Capitâneas que resolvem instituir uma república, e tem o início uma política de ocupação do Estado brasileiro. O Estado vai vender ou doar terras supostamente não habitadas, o termo jurídico em latim é: *res nullius*, ou, terra de ninguém, para grandes fazendas para o progresso do Brasil, e povoação do território nacional. Começou a chegar gente com um papelzinho na mão dizendo: “Essa terra é minha e você cai fora, vai para a estrada.” Essa é a situação dos Guarani Kaiowá até hoje. Eles foram expulsos de suas terras e estão na beira das estradas. Isso vem acontecendo desde que se institui a República.

No início do século XX, a gente já tem a ocupação da Amazônia, que é a história do Marechal Cândido Rondon, onde vai ocorrer uma expedição para reconhecimento dessas fronteiras. Essas fronteiras sempre estiveram em disputa, desde o tempo da Coroa. O primeiro tratado internacional que dividiu o continente foi o Tratado de Tordesilhas, assinado em 1494, um pouco antes do suposto descobrimento, em que essas duas coroas dividiram o continente em lado português e espanhol. Aprendi isso quando eu fiz minha primeira disciplina no mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania (PPGDH).

Enfim, houve disputas durante muitos séculos. É importante para a gente compreender a história da formação do nosso território pelos europeus, por isso é preciso compreender o caminho deles.

Os católicos fizeram muitas Cruzadas para a conquista da Terra Santa, diante de impérios enormes, de sociedades incríveis. E eles perderam as Cruzadas. Vocês estão ligados que eles perderam a última Cruzada? Essas guerras provocaram a primeira grande pandemia na Europa. A Peste Negra matou um terço da população europeia. Um terço da França morreu de peste. Eram pilhas de corpos. O pessoal achava que era o fim do mundo. Tem aquelas artes, assim, com a morte dançando. Imagina como ficou a cabeça dessas pessoas? Era o apocalipse total.

Foi uma crise política muito forte, em que as Coroas também começaram a balançar todo o *status quo*, aquela ordem social, aquelas pirâmides monárquicas começaram a tremer e até a própria igreja entrou em crise. Lá pelo ano 1.300, começou uma cisão de pensamento da Igreja. Porque, afinal, se o mundo estava acabando, então, quem era o verdadeiro Deus? A Igreja Católica começa a ver o seu poder político ameaçado, porque era o papa que colocava as coroas nos reis, que eram reis por autoridade divina.

Então, para segurar todas essas Coroas, para segurar essa força política, era necessário continuar tendo acesso aos *commodities*, à economia que mantinha esse sistema. E o que se perde nessas Guerras Santas, é o acesso à Rota da Seda, a rota comercial dos maiores *commodities*, que hoje, para nós, são quase insignificantes, porque todo mundo tem sal em casa, por exemplo. Quando a gente sabe o que é especiaria, a gente fala: “Ah, é isso?!” Canela a gente vai pôr na canjica. Todo mundo tem acesso ao cravo, mas, naquela época, era um luxo. Era o que mantinha os alimentos sem

estragar por mais tempo, além de manter o status dessas pessoas que podiam comer canela, podiam se vestir de seda.

E tendo aquela rota fechada, eles se viram na necessidade de achar outros caminhos. Quem concentrava toda o desenvolvimento tecnológico, acadêmico, científico? Era a igreja. Os monges eram os grandes cientistas. Você só podia ser cientista dentro da igreja. Se você fosse cientista fora da igreja, você era um bruxo, uma bruxa: “Taca ali no fogo, tortura lá, taca fogo”.

Enfim, eles desenvolveram uma tecnologia naval impressionante para achar outros caminhos e acabaram chegando aqui. Porque ainda não tinha o *Google Maps*, né? Se perderam no caminho, pegaram correntes marítimas que não conheciam, nunca tinham saído para aquele mar aberto do Atlântico. E querendo chegar às Índias, chegaram aqui e até hoje nos chamam de índios. Pelo amor de Deus!

Essa terra tem muitos nomes. Se estima que no território brasileiro, antes de 1500, viviam mais de mil povos indígenas. Hoje nós somos apenas 350 povos. Então, vocês imaginam o que isso representa em termos de genocídio. Então, essa chegada, eu estou falando de mil povos apenas no Brasil, porque no continente, do Polo Norte ao Polo Sul, são muito mais. Se estima que no primeiro século de contato, foram 100 milhões de pessoas mortas em todo o continente.

Nós estamos falando do maior genocídio da humanidade. Tanto pelas guerras, como também pelo impacto da guerra biológica. Porque foram espalhadas doenças propositadamente. Eles sabiam que a gente era mais sensível. Esse fato também foi registrado em várias gravuras. O pessoal morreu de gripe, catapora, coisas assim.

As disputas também se criaram entre essas Coroas. Quem tinha pesquisa naval de ponta eram os países ibéricos, os que têm finistérios. Eu gosto dessa palavra: *finisterre*, o fim da terra, onde a terra acaba, onde chega o navio. A própria Europa era formada por pequenos feudos. A partir daquele momento, começam a se constituir espaços mais amplos, que vão continuar em disputa.

As disputas territoriais na Europa são complexas até hoje. A Espanha é o melhor exemplo disso. Existe um mito do descobrimento da América, que é do Cristóvão Colombo, que também é **pouco** estudado no Brasil, porque aqui quem chegou foi Cabral. Mas a minha mãe é colombiana e eu fiz a escola na Colômbia, então lá é Colón. Eu lia história em quadrinhos. O Cristóvão Colombo foi até a rainha Isabel de Castilha e pediu ajuda. E ela lhe deu o seu colar de pérolas e falou: “Pode ir, meu filho, compre três caravelas.” A gente sabe até o nome dos barcos do Colombo. A Isabel de Castilha, era a rainha herdeira de um dos maiores reinos que depois se tornou a Espanha. Ela se casou com o Fernando de Aragón, rei de Aragón. Esses feudos guerreavam entre si. Com a união dessas duas casas surge o território que hoje nós conhecemos como Espanha. Sabe quem casou os dois? Esse é o babado! Foi o Alexandre Borja, o papa mais louco, o mais pegador, o mais cruel. As histórias do Vaticano são muito doidas.

Ele era espanhol, fez o casamento dos dois. Era papa quando se descobriu o novo continente. Das disputas do Vaticano, a gente vê as disputas entre a Espanha e Portugal, a gente vê a disputa pela ocupação territorial de todo esse continente. A assinatura do Tratado de Tordesilhas deixou de lado outros países, como por exemplo, a Inglaterra e a Holanda, que também tinham o poderio naval e que também estavam disputando essa coisa de ter uma Companhia das Índias. Então, por exemplo, a

Holanda, a Coroa do Oranje, da laranja, que também é um *commodity* oriental. Eles tentaram ocupar o Nordeste brasileiro.

Se instituiu, no período de 1500 a 1600, a Guerra da França Antártica, onde teve uma disputa muito grande entre Portugal e França, pela região do Rio de Janeiro, que até hoje sonha ser Paris. Mas, enfim, tem muitas dessas histórias europeias aqui no nosso território também. A região amazônica já foi mais ocupada em outro momento econômico, em meados do século XIX, com o surgimento da Revolução Industrial. Pela exploração da borracha, o caucho extraído a partir da seringueira e que vem da minha região, inclusive. Para a exploração do caucho, usavam mão de obra indígena e trabalho escravo.

As pessoas eram retiradas das suas comunidades. O pessoal acha que índio sabe andar em qualquer floresta. Não, cara! Você sabe andar no território que você conhece. Se você chega em um território que você não conhece, você se perde, como qualquer um. Então, eles sequestravam as pessoas, tiravam de um canto do rio, levavam para bem longe, onde o indígena não conhecia ninguém, e ficava lá apenas trabalhando em troca de algum alimento, sendo torturado, passando por todas essas situações para poder tirar a borracha. E o Brasil ainda conta esse período do início do século XX, na Amazônia, como *La Belle Époque*. Que época linda! Eles construíram o Teatro Amazonas com pedras trazidas da Alemanha. Tu faz ideia? O que é tirar uns blocos enormes de pedra lá da Alemanha e trazer de barquinho, subir o rio Amazonas e construir aquele prédio em Manaus? Que loucura!

Quando a borracha se tornou um *commodity* que impulsionou a economia brasileira diante do mundo, o modelo de extração da borracha se tornou um problema. Porque a situação do trabalho escravo dos indígenas gerava muitos conflitos. A exploração não podia continuar. Se construiu uma

política de assimilação do tipo: “Ou ajoelha, ou morre! Se entrega, seja súdito da Coroa ou vai morrer!” Depois, com a chegada dos portugueses, se institui a política dos diretórios. Quando chegou a Coroa, vieram os católicos, os missionários jesuítas, toda uma instituição encarregada de entrar em contato com essas populações, estudar suas línguas e ensinar a língua portuguesa para facilitar a ocupação do território. Quando o rei de Portugal chegou, essas congregações religiosas tinham tamanha força política que o “excelentíssimo” Marquês de Pombal proibiu o uso das línguas indígenas.

Essas histórias que eu estou contando, vocês podem ver no site da exposição “Nhe’ẽ Porã”, do Museu da Língua Portuguesa¹⁰. A visita virtual está *online*, bem documentada, com fotos e vídeos. Eu fui a curadora. E tem esses documentos ali. Tanto a carta da Declaração da Guerra Justa, quanto a carta do Marquês de Pombal, o grande herói de Portugal, mas para nós representa um momento de aniquilação. A partir do momento em que Portugal proíbe as línguas indígenas, proíbe o nosso pensamento, nossa existência, nossa relação de mundo. Isso é um problema até hoje.

No século XX, com a formação de um Estado brasileiro, a gente também passou por um período em que o Marechal Cândido Rondon criou um sistema de proteção ao índio. O Rondon era uma pessoa de origem Bororo, filho de mãe Bororo, que chegou à patente de marechal. Ele foi encarregado de reconhecer o território brasileiro e, vendo a situação dos indígenas, procurou criar uma política de integração para tentar conter, em certa medida, algumas violências e a marginalização. Cada pessoa tem seu tempo histórico. O sistema de proteção ao índio foi a primeira política moderna nacional de integração, mais uma vez, instituindo uma política de educação dessas pessoas “selvagens”, “analfabetas”, “incapazes”, para que elas pudessem se tornar “brasileiros” entre muitas aspas.

¹⁰ “Nhe’ẽ Porã: Memória e Transformação” - Museu da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/memoria/exposicoes-temporarias/nhee-pora-memoria-e-transformacao/>. Acesso: 08/11/2025.

Brasileiros, não indígenas, como eu estava falando. Brasileiros sem a memória do seu povo. A política de integração é uma política muito louca, porque até nossos nomes foram proibidos. A gente foi batizado com nomes cristãos. Ganhamos sobrenomes cristãos, portugueses. Até hoje a gente acha graça disso, mas faz parte da nossa história.

Nessa política do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), mais uma vez, houve um contrato do Estado brasileiro com a Igreja Católica, em que se construíram, os internatos. Nos moldes do que aconteceu também no Canadá, no Chile, na Argentina e em outros países. Eles eram escolas internas onde as crianças indígenas eram levadas muito pequenas, retiradas do convívio familiar para aprender a falar o português, a ler e a escrever e se tornarem trabalhadores de base.

Nesses internatos aconteciam muitas violências, estupros, torturas. Todas essas situações geraram um trauma incrível, não apenas no Brasil, mas ao redor do mundo. Segundo estatísticas da Organização das Nações Unidas (ONU), os povos indígenas, são os mais suscetíveis a cometer suicídio. Uma criança indígena entre 11 e 17 anos, é 300% mais suscetível a cometer suicídio do que qualquer outro grupo social, inclusive, do que a população negra. O suicídio das pessoas indígenas no Brasil representa aproximadamente 20% de todas as mortes. Isso é resultado do alto índice de depressão, alcoolismo, violência intrafamiliar, adoecimento social, que têm origem histórica.

E aí, chegando finalmente no ponto que eu queria falar, não foi diferente no Mato Grosso do Sul, não foi diferente em Minas Gerais, não foi diferente no Rio Grande do Sul. Quem ficasse revoltado, quem não aceitasse a invasão do seu território por esses fazendeiros, até quem reclamasse dessas políticas, era levado para o que foi chamado de “reformatório”. As pessoas consideradas inimigas do Estado eram levadas ao Reformatório Krenak, como se fossem terroristas. Eram levadas e colocadas ali

num sistema penitenciário, sujeitas a várias torturas. Os reformatórios Krenak existiram no estado de Minas Gerais.

Também tiveram prisões Kaingang no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. E, prisões Guarani, no Mato Grosso do Sul, onde qualquer liderança que tentasse se organizar, se movimentar para denunciar as violações dos direitos humanos cometidos contra à sua população, eram sistematicamente encarceradas. Pessoas eram colocadas em regime de solitária e torturadas. Inclusive, durante a ditadura militar, a gente teve uma política tão forte que o único registro de vídeo que existe de um pau de arara é de um desfile da Guarda Rural Indígena, a GRIN. Foi feito um vídeo de uma apresentação dessa guarda rural indígena, onde você vê os soldados indígenas carregando uma pessoa indígena em um pau de arara¹¹.

Esses registros também estão na exposição do Museu da Língua Portuguesa. Foi um desafio colocar essas informações, porque tudo era considerado muito *top secret*. Virou um tabu conhecer a história dos povos indígenas brasileiros.

Na experiência na Rádio Yandê, também pela minha experiência como pesquisadora em direitos humanos, e enquanto artista, eu debato muito essa questão do direito à memória e à verdade. E o que é comunicação senão a disputa da memória e a disputa da verdade? A necessidade de se compartilhar as narrativas de existências, de vidas, de pessoas, dos pontos de vista.

¹¹ Para acessar a imagem, clique neste link: <https://memorialdaresistencia.org.br/noticias/descoberta-do-filme-arara/>. Descoberta do Filme “Arara”, por Julia Candido. Acesso em 02/11/2025.

Eu acredito muito na potência de todas as linguagens para isso. Porque a figura institucional do Estado se tece em cima de uma série de narrativas que entretecem um imaginário coletivo. Como é que vocês pensam o Brasil? A gente pensa o Brasil como a gente aprendeu o Brasil, primeiramente. Como é que vocês aprenderam a história do Brasil na escola? Vocês aprenderam sobre o descobrimento ou a invasão do Brasil? E agora? Vocês fariam sobre o descobrimento ou teriam coragem de falar da invasão? Eu sou meio advogada do diabo.

Uma sociedade é uma construção coletiva constante. Então, para compreender o nosso lugar, nossa origem e, principalmente, o que nós estamos construindo para o futuro, é importante aclarar a nossa visão, para a gente poder analisar melhor esses fatos e saber o que nós queremos repetir e o que nós não queremos repetir. Para podermos abrir para outras possibilidades de uma construção social conjunta que possa finalmente, quem sabe um dia, alcançar um lugar de diálogo, de respeito pela diversidade, de reconhecimento desse valor.

Nas artes visuais, por exemplo, eu sou desse campo, estudei aqui. Eu gosto muito. Cara, uns anos atrás, a gente fez um evento chamado TODO (Semana Universitária de Artes, Arquitetura, Comunicação e Desenho Industrial da UnB) nosso mote foi: “O TODO é mais que eu”. A UnB também possui uma história indígena muito forte.

O Darcy Ribeiro foi um grande amigo do meu pai. O Darcy Ribeiro se transformou em Darcy Ribeiro em contato com os povos indígenas. E essa universidade (UnB) tem o projeto arquitetônico baseado em uma aldeia: Ela é uma Okara. O Instituto Central de Ciências, o Instituto Central de Artes, o Instituto Central de Letras, seriam como três grandes casas, casas comunitárias, onde a gente tem direito de explorar todas as disciplinas. Eu fiquei aqui o máximo de tempo possível. Foram 10 anos na

graduação, porque eu queria aproveitar tudo. A universidade é maravilhosa. E essa universidade foi criada para ter esse círculo. E, no meio dessa roda, fica a reitoria, o Teatro de Arena e a Biblioteca, que são os espaços coletivos, para todo mundo acessar. E, em volta, como se fossem as casas específicas, temos as faculdades de Medicina, Direito, Tecnologia, que são como ilhas, um pouco mais fechadas, mas que fazem parte dessa constelação. O Darcy se inspirou no modelo de uma aldeia xinguana. É incrível isso! E a UnB é a única, acho que talvez a última, universidade aberta, porque as outras estão ganhando muros.

Na ditadura militar, uma das primeiras medidas tomadas pelos militares foi acabar com o Instituto Central de Artes (ICA). Foi a primeira coisa que fizeram. O ICA concentrava os cursos de Comunicação, Arquitetura, Desenho Industrial, Artes Visuais, Artes Cênicas e Música. O Instituto Central de Artes era para ser do tamanho e com a mesma importância do Instituto Central de Ciências (ICC). Era para que todo mundo tivesse acesso à arte. Para que todo mundo pudesse explorar essas linguagens. Mas a primeira decisão foi acabar com o Instituto Central de Artes. Então, é isso. Eu gosto de compartilhar essa história. Porque as pessoas, às vezes, perdem de vista a importância que a Linguagem Visual tem para o imaginário coletivo. Eu falei agora há pouco daquela tela da independência. E a tela “A Liberdade guiando o povo” (1830)¹²? Símbolo da Independência da França. Vocês já viram, não? Uma mulher com aquele gorrinho vermelho da Revolução, aquela bandeira, marchando em cima de uma pilha de corpos, com o peito nu, guiando o povo. Aquilo foi encomendado por Napoleão para representar a França, para ser uma alegoria. A identidade de uma nação se tece visualmente em cima de alegorias. A tela da independência do Brasil também é uma alegoria.

¹² Tinta a óleo, de Eugène Delacroix.

A alegoria não é apenas o carro alegórico do carnaval. Mas também é. E essas duas telas têm semelhanças, são modelos. A posição dos corpos. Existem elementos da linguagem visual, como aquilo é trabalhado, a *gestalt* da imagem. Para quem for estudante de Cinema, do Audiovisual, vale muito a pena pegar as disciplinas de Fundamentos da Linguagem Visual, nas Artes. É bem bacana, porque a gente pode estudar essa organização da imagem. Essas imagens piramidais, como a “Mona Lisa”, de Leonardo da Vinci (1503–1506), como a “Pietá” (Michelangelo - 1499), têm uma estrutura. Essas são técnicas de comunicação que sempre foram usadas pelas instituições para reiterar uma ideia, para afirmar uma identidade coletiva, uma disputa de poder.

Na História da Arte, os “grandes artistas” foram principalmente aqueles contratados pelo Estado, pelos reis, pelas rainhas, pelos papas, pelos ricos para pintarem os seus retratos. Então, quando surge a arte popular? Quando a gente passa a ver a imagem do povo retratando a si mesmo? Onde a gente vê as outras narrativas, que não a oficial, diante dessa visualidade ocidental, eurocêntrica, machocêntrica, colonial? Nós precisamos criar novas imagens, precisamos mostrar nossas imagens, nossa memória antiga. Eu comecei a refletir sobre isso quando eu entrei aqui nas artes, e também quando comecei a trabalhar na Rádio Yandê. É preciso ter nossos recursos visuais. Então, o Denilson Baniwa, que é meu colega e irmão, meu melhor amigo, também estava na Rádio Yandê, ele é designer de formação também. E o Denilson tem uma história maravilhosa. O Denilson também é do Rio Negro, do povo Baniwa, a gente é da mesma região. Mas ele começou na primeira Oficina de Comunicação que teve em São Gabriel da Cachoeira. Essa oficina foi criada e ministrada pelo Serjão¹³, que também

¹³ Sérgio Gomes da Silva, da Oboré, empresa de comunicação a serviço das políticas públicas e sociais.

ajudou a mobilizar os primeiros jornais sindicais de São Paulo. Foram os comunistas que começaram esse trabalho.

Então, foi essa referência de comunicação comunitária, que sempre foi trabalhada como uma estratégia central dos movimentos sociais. No caso do Brasil, começa pelos movimentos dos trabalhadores, em São Paulo, e se estende para outros movimentos sociais. O Denilson Baniwa, com 15 anos, foi convidado para fazer uma oficina em São Gabriel da Cachoeira, o município com a maior população indígena (98% de pessoas indígenas), com 23 povos, cinco línguas oficiais, localizado no estado do Amazonas, no Alto Rio Negro, próxima à fronteira com a Colômbia.

O tio do Denilson falou: “Ah, quer fazer alguma coisa? Vamos lá, meu filho.” E ele: “Ah, vamos”. Chegou lá, conheceu o movimento e se interessou. O Denilson fez o símbolo da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), no Word. Esse desenho, aquela rodinha, foi o Denilson que fez. Ficou tão legal. Enfim, ele conhece muito dessas histórias. E na Rádio Yandê, ele sempre fazia os *banners*, as chamadas, com essas brincadeiras de imagem. Até o momento que ele virou pra mim e falou: “Daiara, eu acho que eu vou sair da Yandê e me dedicar mais às artes”. Eu falei: “Arrocha, você é maravilhoso, manda ver que eu vou ficar com esse abacaxi aqui”.

Eu fiquei como coordenadora da Yandê por mais um ano e depois eu tomei a mesma decisão. A gente viu essa necessidade de investir na arte para poder chegar no museu, para poder chegar no livro escolar, para chegar nessa narrativa. E aí, já terminando, eu fico muito feliz porque nesse ano, por exemplo, eu fui convidada a doar a primeira obra de arte indígena para o Palácio do Planalto¹⁴. Então, é isso. Assim, a gente vai construindo história. Eu fui lá outro dia, fiquei chorando, eu estava nervosa.

¹⁴ “A queda do céu e a mãe de todas as lutas” (2022).

Porque a gente, como artista, fica pensando: “Caraca, essa tela! Eu vou morrer e a tela vai continuar ali”. Essa tela não fala sobre mim, essa tela fala sobre toda essa história que eu contei para vocês, antes de mim.

E ela vai conhecer toda uma história depois de mim. Tomara que ela possa se juntar a outras imagens que também são símbolos, porque a gente precisa de símbolos. A gente precisa sonhar coletivamente, com outras cores, com mais cores. A gente precisa cantar os nossos sonhos coletivamente também. Então, eu quero agradecer muito, muito, muito, muito, muito o tempo de vocês, essa oportunidade de partilha.

Neste ano aconteceu aqui em Brasília o primeiro encontro de jornalistas indígenas. Nós temos cada vez mais jornalistas de profissão, cada vez mais comunicadores. O Cézar, meu irmão, também acabou de entrar no curso de Comunicação aqui da UnB. É muito legal a gente ver uma juventude que está chegando com mais ferramentas para poder conectar essas fontes, para poder trabalhar junto e para construirmos parcerias.

Também não dá para dizer que apenas os indígenas têm que fazer, claro, o protagonismo tem que ser nosso, mas a gente tem que fazer essas coisas juntos. Fica, então, o recado, se, em algum momento, vocês sentirem desejo de participar, estão convidados. Eu estou trabalhando agora, me voluntariando, como conselheira nacional de cultura, no Ministério da Cultura. Eu estou ralando, porque não estou ganhando nada, para a gente ter um plano, uma política nacional de culturas indígenas, para criar, por exemplo, uma lei como a Rouanet para os povos indígenas. Ainda faltam muitas políticas de acessibilidade.

Nós somos o último grupo social a ter acesso ao Estado. Nós fomos considerados incapazes e vivemos sob a tutela do Estado até 1979. A gente não tinha direito a tirar um passaporte até os anos 1970. Porque nós éramos indígenas. Eu nasci em 1982. Eu já nasci capaz. Mas os nossos direitos cidadãos, eles vieram apenas com a Constituição de 1988. Então, esse esforço não pode ser apenas das pessoas indígenas. A gente precisa que o Brasil, que todos vocês também façam parte desse esforço, da gente ter essa solidariedade com todos os grupos. Eu não estou falando apenas dos povos indígenas, também estou falando dos quilombolas, estou falando de todos os recortes sociais, homens, mulheres, anciãos, crianças, de todos os portadores de experiências que precisam ser narradas.

Eu tenho muito carinho pelos meus amigos que trabalham com a comunicação. Eu estou numa missão, inclusive, de virar diretora de cinema. Vou dedicar alguns anos para fazer um filme sobre a ayahuasca, que também vai ser um trabalho importante. E, nesta semana, inclusive, a gente está lançando, pré-lançando, na verdade, um filme sobre o meu território, sobre a história do meu povo: o Cobra Canoa¹⁵. Que também é feito com essas parcerias. Os cineastas indígenas, os escritores indígenas, os jornalistas indígenas estão florescendo cada vez mais. E é muito bom ter essas leituras, espalhar essas novas leituras, não só dos daqui, como os de fora também.

Temos parentes nos Estados Unidos, no Canadá, que têm canais de televisão, rádios, jornais, eles têm produções maravilhosas. Inclusive, a gente teve, em 2023, um filme indígena premiado, com o Leonardo DiCaprio, “Assassinos da Lua das Flores”¹⁶.

¹⁵ Documentário de Ênio Staub. Arte de Daiara Tukano e animação de Malbk. Produção da Arica Cinematográfica e do Instituto Nova Era.

¹⁶ Assassinos da Lua das Flores (2023): 3h 26 min. | Drama, Histórico, Suspense. Direção: Martin Scorsese | Roteiro: Eric Roth, Martin Scorsese. Elenco: Leonardo DiCaprio, Lily Gladstone, Robert De Niro, entre outros.

Então, esse tipo de acontecimento é importante para nós. Um filme como esse não é apenas um filme do Leonardo DiCaprio, mas um filme que mobilizou um povo inteiro, que conta uma história que faz parte da história dessa nação. Parece que são coisas pequenas, mas não são. Então, é isso. Gratidão.

Pergunta da classe: Diante de todas as coisas que você falou, eu queria perguntar mais da sua parte artística. Você acha que é possível, para quem vem da luta, destacar a arte do caos? Ou seja, destacar a arte da dor, pensando nessa representação coletiva que você falou, quando você mencionou sobre o quadro. E qual seria essa relação estética dentro desse caos?

Daiara: Rapaz, a senhora é filósofa. Ótima pergunta. Tem uma pessoa que virou um grande amigo meu, que resolveu fazer um mestrado sobre mim. Tadinho, eu sou meio brabinha, mano. Tentei fugir, mas ele acabou me conquistando, porque ele também gosta do “Senhor dos Anéis”¹⁷, do “Cavaleiros do zodíaco”¹⁸. Porque a gente come as mesmas coisas e gosta das mesmas músicas, então, eu topei. E ele fez o trabalho de mestrado sobre o meu trabalho artístico, mas, mais do que isso, sobre como eu penso a arte. Porque existem, no campo da ciência, e a arte também é um campo de ciência, um desafio epistemológico, com relação aos nossos conceitos de mundo. Inclusive o conceito de arte e o conceito de estética. Existem algumas palavrinhas que eu procuro aprender a reconhecer,

¹⁷ “O Senhor dos Anéis” é uma série de filmes, realizada de 2001-2003, dirigida por Peter Jackson.

¹⁸ “Os Cavaleiros do Zodíaco” é uma série japonesa de mangá e anime escrita e ilustrada por Masami Kurumada. Adaptada para o cinema pelo estúdio Toei Animation, de 1986 a 1989.

observar e em alguns momentos até me esquivar para que elas não se tornem armadilhas do meu pensamento. E esse é um exercício muito difícil também, pensar cada vez mais tukanamente, ainda que falando português. Então, assim, para o meu povo, o que eu aprendo com o meu povo, é que o conceito mais importante que nós temos, por exemplo, é *pamuri*, que é a transformação. Olha que interessante...

Eu digo que é o conceito mais importante porque nós nos consideramos Pamuri Mahsã, povos da transformação. Nós consideramos a história, a memória, como a história da transformação da humanidade. A transformação é uma ideia que nunca vai virar um cânone. Por estar, por natureza, em constante movimento. Um cânone é uma ideia fixa. Um cânone é uma estrutura firmada para servir de referência. Como se fosse um farol, como se fosse uma coluna. Nós falamos aqui de alegorias. As alegorias pretendem se canonizar, para virarem uma alegoria de Estado, uma alegoria de gênero, um cânone de Estado, um cânone de gênero, um cânone de beleza. E quem disse? Para quem? Por quê? De quem? Para quem? Como? Eu sou fascinada por essa ideia de *pamuri*, de transformação.

Porque ela sempre traz o desafio dessa desconstrução. E essa ideia vem da tradição do meu povo, dos nossos povos, da maneira como nós nos relacionamos com o mundo, com nossas medicinas. Nós estamos ali no meio de uma centena de povos que têm a medicina da ayahuasca. Em nossos conhecimentos, a relação entre vida e morte, prazer e sofrimento, por exemplo, porque você trouxe a questão da dor, são coisas que fazem parte da vida. E a gente tem uma prática de aprendizado, de uma didática dentro do nosso povo, de ouvir os anciões, por exemplo, de ter uma meditação filosófica para receber, mas também abrir o trânsito dessas emoções na nossa vida, das alegrias que vêm e que passam, das dores que vêm e que passam.

Por isso, o pamuri é fundamental. O pamuri é o que nos impulsiona a se libertar disso e poder receber para que não bata tão forte, mas também para botar para fora. É a primeira vez que eu estou falando isso, mas isso é importante. Nas artes, existem dinâmicas incríveis, porque nós, enquanto existências ou existentes, expressamos nossa existência constantemente. Nós somos essa transformação. Expressamos em nosso corpo, que se cria e se desfaz, nasce, cresce, envelhece, morre. Expressamos em nosso pensamento, em nossas palavras, em nossas cores, em nossa maneira de nos vestir, na maneira em que nos colocamos no mundo também. Expressamos ali as nossas dores e alegrias, nossos medos, frustrações, vontades, desejos. E a arte é basicamente isso. Por isso é que tampouco existe uma definição para a arte.

Dentro da história da arte, quando se cria essa coisa chamada Academia de Arte, é necessário problematizar a institucionalização do pensamento, mesmo dentro da universidade, e em todas as áreas de conhecimento ocorre um processo semelhante. Quem passa a definir o que é ciência e o que é arte? Será que cabe a uma instituição definir isso? Ou será que se encontra na prática do saber, no compartilhamento dessas práticas? Do fazer, da existência em si. Não é o cânone institucional que vai conseguir cercear, por mais que se tente negar, não vai conseguir apagar essas dinâmicas, essa potência de vida que existe. E com a arte não é distinto. Mas, dentro do processo histórico eurocêntrico, europeu, existem questões interessantes no campo da filosofia.

E, diga-se de passagem, estética. Tu que é o cara dos gregos é quem vai me dizer. Porque a estética compreende uma ética. A estética traz uma ética da beleza. Uma ética do prazer, da fruição da arte. Quem é autorizado a fruir a beleza e também quem é autorizado a fazer o belo. A ter o belo reconhecido. Quando a gente entra nesses campos de debates filosóficos, é como um oceano. Mas

existem dinâmicas políticas, econômicas, que têm trazido, ao longo da história da arte, fortes disputas. É fácil reconhecer.

Cara, eu fui para Roma, mano. Eu falei na *Universitat Sapienza*, que é tipo a Universidade Federal de Roma, sobre arte indígena. Eu falei, quer saber? Renascimento é o caralho. O que é o renascimento? Olha que palavra interessante que eles escolheram para falar de todo um período da história da arte. O renascimento. Renasceu de sugar daqui. Renasceu na base de quê? O povo estava morrendo de peste, de guerra, de tristeza, de medo do fim do mundo. Aí os europeus vão para a África, vão para as Américas, sugam todo o ouro, sugam todo o sangue, todo o pau-brasil. Enchem a igreja de ouro, pedras, tudo. Aí coloca todo seus rococózinhos numa tela e chamam aquilo de Renascimento. Eu aceito no máximo chamar de Cinquecento. Mas Renascimento não é uma palavra que eu engula.

Toda a estética do Renascimento é sintomática desse momento colonial que marca a invasão e o genocídio do nosso povo. Vocês podem me falar, mas eu daqui não vou usar essa terminologia. E vou sempre fazer a crítica a essa estética. Que eu acho linda. Claro que é linda. Eu sou artista, poxa vida. Mas, enfim, se a gente tem Leonardo da Vinci, é porque o outro estava pagando o Leonardo. Mas para o outro pagar o Leonardo, tinha um tanto de escravo. E depois o Brasil não se apropriou dessa estética? Chamamos de moderno, né? Não é diferente das dores do mundo, das guerras, que têm sido usadas de uma maneira violenta também pelos artistas. Olha para “Guernica”¹⁹. Olha para o nosso querido Vincent.

¹⁹ Mural de Pablo Picasso (1937) retratando os horrores da guerra e a destruição da cidade basca de Guernica, durante a Guerra Civil Espanhola.

A ideia do poeta maldito. De que um bom artista é um bom artista quando morto. Os artistas são como os índios. Porque no Brasil, índio bom é índio morto. Mas na história da arte, o artista bom é o artista morto. Aquele que sofreu, que se matou. Aquele que foi assassinado. Por quê? Porque existe uma romantização, uma fetichização dessa dor, dessa violência. Eu acho isso de uma crueldade, porque eu passei por uma experiência bem próxima com relação a isso. Eu não vou me aprofundar demais no que me dói no meu corpo, na minha alma. Então, eu acho que são coisas que a gente tem que ter muito cuidado. A mesma coisa, a representação das mulheres.

A erotização das mulheres. Você vê que a mulher tem que sofrer, tem que ser bela, porém sofredora. Tem um grupo, como é que é? Esqueci o nome desse grupo, que tem uma imagem que é tipo uma odalisca nua com uma máscara de gorila que invade museus, né? Os museus tem 98% de artistas homens, né? E as mulheres que são representadas são todas sendo representadas assim. Será que é isso que é ser mulher? Quem está falando das artistas, das mulheres? São os homens. Então, existem dores que a gente precisa aprender a trabalhar coletivamente. É muito importante falar da dor, porque a dor nos traz a possibilidade desse enfrentamento e também pode trazer um alívio, eu não vou falar de cura porque estaria sendo hipócrita.

A violência faz parte da dinâmica humana. Mas a gente pode trabalhar, para aprender a ter autocuidado. Como a gente vai encontrando e construindo os espaços onde nós possamos nos reconhecer. Reconhecer nossos corpos completos. Não apenas o nosso corpo físico. A maneira como a gente é, nosso fenótipo, reconhecer o nosso pensamento, reconhecer a nossa memória, principalmente nesses lugares que são de memória: o museu, o espaço da arte, em todas as suas expressões, desde as visíveis até as invisíveis, como a música, são espaços de memória.

Memória é sentimento. Eu senti isso. Porque naqueles internatos que tiveram na nossa região, os padres chegaram proibindo as línguas, proibindo as cerimônias, queimando as malocas, levando as crianças. Foi muito violento. E o meu bisavô, ele decidiu que ele ia jogar todos instrumentos de cerimônia dele no rio, para que os padres não os levassem. Ele falou, eu prefiro entregar pro rio do que entregar para o padre. Eu não vou ficar com nada, mas eu não vou deixar o branco levar. E aí nós temos colares tradicionais, antigos, que são colares de pedra, de um mármore branco, um quartzo branco. Tem parecido com aquele filme “Abraço da Serpente”²⁰, não sei se alguém aqui viu, se quiserem ver, recomendo, é um filme maravilhoso, em todos os sentidos da cinematografia.

Esses colares, hoje em dia, você só encontra nos museus, não existem mais no território. Muita coisa que não está mais no território, você só encontra no museu. Eu fui ao Museu do Índio, no Rio de Janeiro, a primeira vez que eu vi aquilo, cara, eu tipo, chorei, senti aquilo. Aquela coisa de você ter acesso, era tão forte, tão forte! Eu estava com um amigo e falei: “Nossa Elia Ruiz, memória é sentimento. Memória é sentimento”. E a Lélia Gonzalez também traz isso na literatura dela, escreve sobre a memória como lugar de resistência. Ela tem essa concepção de amefricanidade como resistência, não só na linguagem, mas para toda a memória coletiva, como isso impacta a sociedade negra. Ela tem uma coisa muito séria com a palavra, como essa palavra é dita e interpretada. Eu vou aproveitar para fechar com uma reflexão, trazendo um pouco dessas contribuições maravilhosas, até do Nego Bispo. Querido, querido! Olha, falando em dor e em luta, existem muitas memórias que estão nos nossos corpos, individuais, coletivos, nossos corpos históricos, nossos corpos identitários. Eu tenho um

²⁰ “O Abraço da Serpente” (2015), filme dirigido pelo colombiano Ciro Guerra, com roteiro de Jacques Toulemonde Vidal, baseado em histórias de Theodor Koch-Grunberg e Richard Evans Schultes.

incômodo com relação à ideia de pensar que a violência estrutura a sociedade. Quando nós falamos de violências estruturais e reafirmamos que essas violências são quase que impossíveis de se desviar. De onde surge, de onde vem a identidade de um povo? Será que vem sempre e unicamente da violência?

Mas eu quero dizer para todas as mulheres que passaram por algum tipo de violência, que estão passando ou que ainda passarão, que não é essa a violência que nos define. A gente não pode permitir ser definido pela violência. A gente não pode ser definido porque alguém disse que a gente foi colonizado, porque alguém disse que a gente foi escravizado, porque alguém disse que a gente é inferior, que a gente é incapaz. O que nos define é a nossa capacidade, o que nos define é nosso amor, o que nos define é nossa alegria, o que nos define é nossa riqueza, nossa memória, nossa beleza. O que nos define é o nosso sorriso, o que nos define é nosso canto, nossa voz, nossa dança. O que define a vida é a sua beleza.

Esse florescer é a flor, é a fruta, é a comida, o alimento. O que define um rio é essa água que está brotando. O que define uma memória é tudo aquilo que brota daquele território. Está instalado ali no meio porque faz parte, mas eu nunca aceitarei que a violência me defina, da mesma forma que eu não quero definir ninguém pela violência. Quero me abster, quero procurar dançar para me desviar. Para poder, em vez de compartilhar a violência, trazer outras mensagens. Que nosso olhar possa ser outro. Então, por isso, por exemplo, essa exposição do Museu da Língua Portuguesa se chama “Nhe’ẽ Porã”. Essa expressão é da língua Guarani.

Nhe’ẽ é o hálito doce, úmido, morno, que sai da nossa boca quando nós falamos. Essa é a cabeça do Guarani. E, *porã* é a palavra, mas também o belo. *Nhe’* é e *porã* são as boas palavras. Para nós o pensamento não é uma ideia. O pensamento é uma vibração. Vocês são comunicadores. Uma

ideia não se faz com castelinho de bloquinhos com material dourado. É uma vibração, um sentimento, uma visão que você coloca naquilo que você comunica. Quando nós falamos com essa presença de espírito, isso também chega ao espírito do outro. Existe uma diferença muito grande entre uma palavra verdadeira e aquela que apenas é colocada ao vento, mas que não vai ser cumprida. Por isso, os povos indígenas são os povos da oralidade. Essa oralidade não é a negação da escrita, mas está na presença do espírito. Que nós possamos estar aqui presentes, celebrando o presente da vida.